

La médecine

Dissident Medicine

«dissidente»

Hétérodoxie et modernité dans l'Europe
des 16^e et 17^e siècles

La médecine

Dissident Medicine

«dissidente»

Hétérodoxie et modernité dans l'Europe
des 16^e et 17^e siècles

Cleansing Science

La médecine dans la mire du censeur

Universität Basel

16 mai 2013

Wildt'sches
Haus

17-18 mai

Pharmazie-
Historisches
Museum

Universität Basel

16 mai 2013

Wildt'sches
Haus

17-18 mai

Pharmazie-
Historisches
Museum

Hervé Baudry herveba@sapo.pt Centro de História da Cultura

Universidade Nova de Lisboa

PHASES DU CONTRÔLE DES IMPRIMÉS

LA MICROCENSURE EN FIN DE CHAÎNE

censure préventive					censure répressive		
macrocensure					microcensure		
I	II	III	IV	V (1)	V (2)	VI	VII
relevés bibliographiques et onomastiques (foires du livre, listes, autres index etc.)	visites (navires, imprimeurs, libraires, bibliothèques, particuliers), dénonciations	consultations, contrôle des contenus	auteurs, livres interdits	totalemment	partiellement	effectivement censurés / non censurés	objectivement / subjectivement
repérages		licenças, privilèges	interventions				

- I. apparition du livre
- II. circulation
- III. lecture (NB : id. manuscrits)
- IV. qualification
- V. classification
- VI et VII réalisation

NB : III à V : phases universelles

PROCESSUS D'ANALYSE DE LA MICROCENSURE

<i>CORPUS</i>	IV	V (1)	V (2)	VI	VII
exemplaires existant dans les bibliothèques (XXI ^e s.)	macrocensure		microcensure		
	auteurs/livres non interdits	→			avec indices de CS ?
	auteurs/livres interdits	totalement	en partie, <i>i.e.</i> permis une fois expurgés (" <i>emendati</i> ")	1-non censurés (NC)	avec indices de CS ?
				2-censurés	1-censure objective (CO) 2-censure subjective (CS)
<i>Index librorum prohibitorum et expurgatorum</i>					

- 1) V (2) : point seuil de l'analyse du champ microcensural (manipulations institutionnalisées de l'imprimé)
- 2) VII 1 : évaluation de l'efficacité (< CO = grande majorité des cas)
- 3) VI 1 : question de la provenance des exemplaires ; hypothèses du « dépôt légal », du coffre (« *arca* ») aux *Vetiti*, etc.
- 4) VII 2 : cas de CS (systémiques ou factuels)

NB : Par principe, tout exemplaire vierge (sans nom de propriétaire datable ou autre indice de lecture à l'époque où les ILPE sont institutionnellement en vigueur (Portugal : 1549-1768) ne prouve rien de plus que sa présence dans le fonds.

CENSURE DES TEXTES

tous pays

pays d'Inquisition

problématiques de l'«art d'écrire»

CENSURE PRÉVENTIVE
(phase III)

CENSURE RÉPRESSIVE
(phase IV)

manuscrit → permission

imprimé → interdiction, destruction

MICROCENSURE
manipulations institutionalisées de
l'imprimé

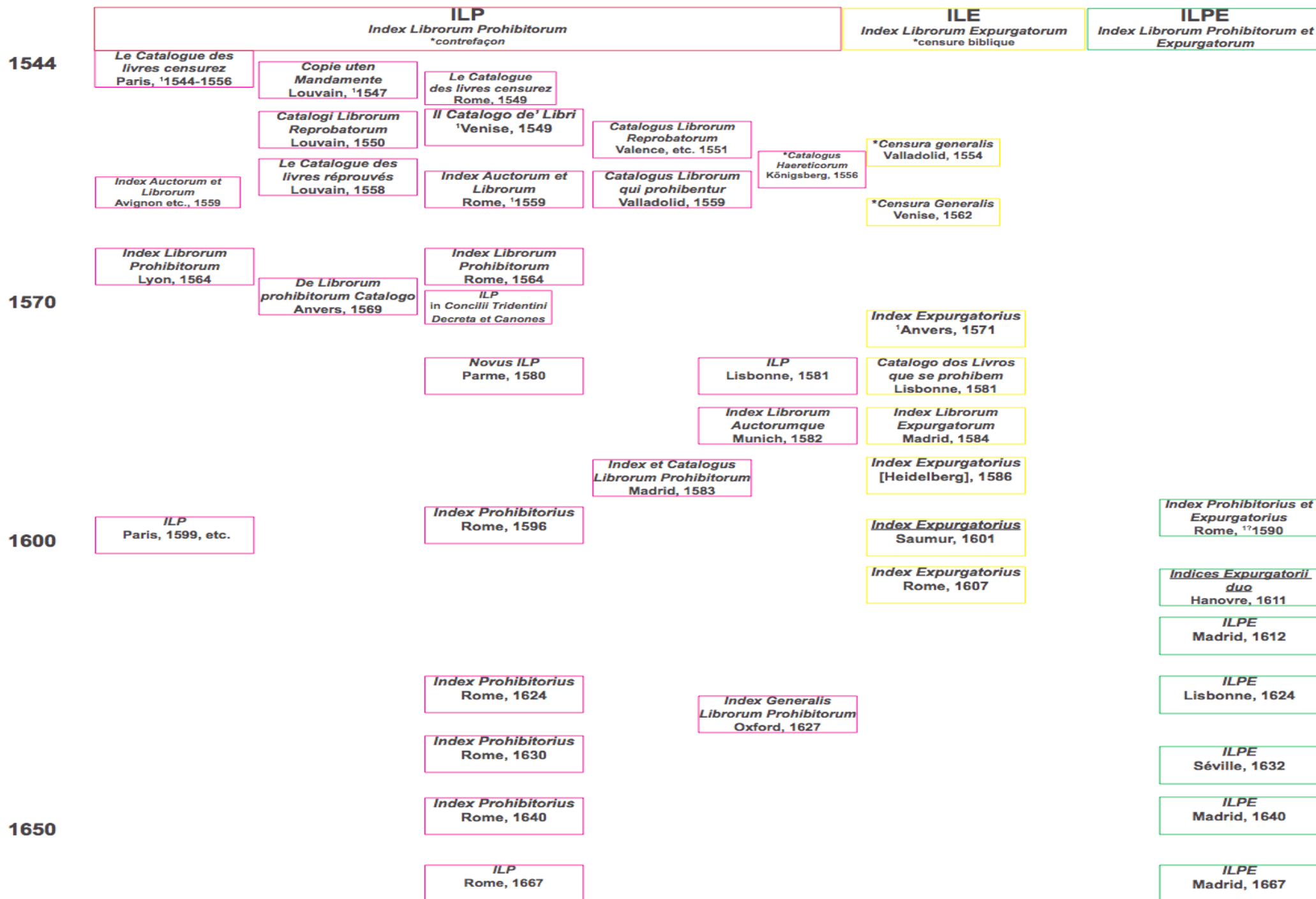
imprimé → correction

éventuellement



réédition
(par ex. Huarte 1594,
Amato Lusitano 1620)

← usages de l'outil institutionnel (*Index*) dans les autres pays ?



Les *Index* possédés par les bibliothèques françaises (par lieu d'édition)

ILPE Index librorum prohibitorum et expurgatorum ILE Index librorum expurgatorum

ILP : Index librorum prohibitorum

ESPAGNE

Madrid

ILP : 1583

ILE : 1584

ILPE : 1612 1628 1640 1687

Séville **ILPE : 1632**

Valladolid ILP : 1559

FRANCE

Avignon ILP : 1597, 1654

Besançon ILP : 1598

Douai ILP in CT : 1618

Lyon :

ILP : 1564 1588 ? (v. Venise)

ILP in CT : 1572 1577 1580 1584 1588 ?

1595 1604 1611 1613 1618 1626 1630

1631 1640 1643 1649 1650 1669 1676

1685 1692 1695

ILE : 1586

Paris :

ILP : 1544 1545 1547 1551 (*Edict*) 1556

1599

ILP in CT : 1644 1649 1654 (jansén.?) 1666

1674 1676 1697

ILE : 1598 (Herpius)

Rennes 1654 ILP (jansén.)

Rouen ILP in CT : 1618 1640 1644 1649 1663

1674

Saumur **ILE : 1601**

Strasbourg **ILE : 1599, 1609**

SUISSE

Genève **ILPE : 1619-1620 ? 1667**

ITALIE

Bassani ILP : 1596 ; s.d.

Bologne ILP : 1564

Brescia ILP : 1624

Ferrare ILP : 1599

Milan ILP : 1564

ILP in *Decreta* : 1573 1575

Naples ILP : 1690

Palerme ILPE : 1628

Pérouse ILP : 1596

Rome 1559 (*Instructio*) ILP : 1564 1596 1599

1624 1632 1640 1644 1652 1664 1665 1667

1670 1680 1681 1683

Turin ILP : 1597

Venise

ILP : 1596 1603 1644

ILP in CT : 1574 1575 1579 1585 1589

1588 ? (v. Lyon)

ALLEMAGNE

Cologne

ILP : 1564 1569 1597 1598 1614 1620

1627

ILP in CT : 1615 1644 1653 1664

Hanau ILE : 1611

PAYS-BAS

Anvers

ILP : 1569 1570 (*Edictum*)

ILP in CT : 1617 1640

ILE : 1571

Liège ILP : 1568 1569 1570 (*Edictum*) 1607

ANGLETERRE

Oxford ILP : 1627

O CAMPO EM ANÁLISE
AUTORES e TÍTULOS
(Índices expurgativos de Lisboa 1581 a Madrid 1667)

AMATO LUSITANO

*Centuriae Curationum
Medicinalium*

In Dioscoridis... Enarrationes

LAGUNA (Andrés de)

*Pedacio Dioscorides, Acerca de la
Materia Medicinal...*

CABREIRA (Gonçalo)

*Compendio de muitos e varios Remedios de
Cirugia, e outras cousas coriosas recopilados do
Tesouro de Pobres e de outros graves Autore,
Braga, 1611*

PEDRO HISPANO

*Thesaurus Pauperum
Thesouro de Pobres*

SABUCO (Oliva ou Miguel)

*Nueva filosofia de la naturaleza del hombre, no conocida,
ni alcançada de los grandes filosofos antiguos : la qual
mejora la vida, y salud humana
Madrid 1587, 1587*

Os livros científicos dos séculos XVI e XVII, ou como a Inquisição "limpou" as bibliotecas

É a primeira sistematização da censura de livros médicos pela Inquisição em Portugal – um dos casos expurgados foi o de uma freira que se dizia ter engravidado no banho. Está também em marcha um inventário dos livros de ciência nas bibliotecas dessa altura. O lugar deste objecto na cultura científica nacional começa a ser desvendado

Nicolau Ferrelle

O "lápis" da censura nos séculos XVI e XVII era a tinta ferrugílica. Se estivesse muito concentrada, a tinta utilizada na expurgação de uma obra podia queimar o papel. Se fosse em menor quantidade, as palavras censuradas voltavam a ser legíveis. De qualquer forma, esta vertente da Inquisição afectava a leitura das obras, dando-lhes uma conotação insidiosa de pecado e culpa. A literatura técnica e científica em Portugal não escapou a este controlo, como os livros de Amato Lusitano, médico judeu português que fugiu da Península Ibérica.

"Qualquer expurgação perturba a confiança na leitura de livros de ciência – um acto que passa pelo desejo de querer saber mais", defende Hervé Baudry, do Centro de História da Cultura da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O efeito que a censura teve no desenvolvimento científico e cultural do país é ainda difícil de contabilizar, diz o historiador francês, orador num

workshop sobre as bibliotecas e livros científicos dos séculos XV a XVIII na Biblioteca Nacional, em Lisboa. Mas Hervé Baudry está apenas no início de um projecto de investigação sobre aquilo a que chama de "biblioteca limpa", ou seja, a expurgação de livros dos séculos XVI e XVII.

O francês analisou a censura em 105 exemplares de cinco obras de medicina, que estão em bibliotecas do país, e sistematizou a forma como decorreu a censura da Inquisição, um trabalho inédito em Portugal. As obras analisadas eram de quatro autores: os portugueses Amato Lusitano e Gonçalo Cabreira, cirurgião contemporâneo de Lusitano, e dos espanhóis Andrés Laguna, médico humanista que se dedicava especialmente à farmacologia e botânica, e Oliva Sabuco, filósofo e médica.

"Essas Sabuco, filósofa e médica, e a quinta de Oliva Sabuco, *Nueva Filosofía de La Naturaleza del Hombre*", tinha um lado rotineiro", explica. "Nas bibliotecas, quando estas obras foram publicadas e lidas cá nos séculos XVI e XVII, foram todas controladas. Quem lia sabia que estava a entrar em terreno minado", diz o investigador, considerando que um médico sobre sexualidade na Igreja ou dizeres que acompanhavam receitas medicinais tradicionais. "A censura é a resposta técnica, formal (da Inquisição) ao crescimento enorme



do livro como veículo da heterodoxia", salienta Hervé Baudry.

Na segunda metade do século XVI foram impressos na Europa entre 15 a 20 milhões de livros. No século seguinte, este valor multiplicou-se por 10. Apesar de os autos-de-fé serem os rituais mais conhecidos da Inquisição, e o seu lado mais sangrento, em que "hereges", desde judeus a sodomitas, eram mortos na fogueira, a censura livresca era intensa.

Havia listas de livros de autores proibidos, mas também havia o *Index Expurgatório*, onde passagens de muitos outros livros deviam ser cortadas. Entre elas estavam as obras de Amato Lusitano, *Sete Centúrias de Curas Medicinas* e *Matéria Médica de Dioscórides*; de Gonçalo Cabreira, *Tesouro de Pobres*; outra de Andrés Laguna, *Pedacão Dioscórides*; e a quinta de Oliva Sabuco, *Nueva Filosofía de La Naturaleza del Hombre*.

"Nas bibliotecas, quando estas obras foram publicadas e lidas cá nos séculos XVI e XVII, foram todas controladas. Quem lia sabia que estava a entrar em terreno minado", diz o investigador, considerando que um médico sobre sexualidade na Igreja ou dizeres que acompanhavam receitas medicinais tradicionais. "A censura é a resposta técnica, formal (da Inquisição) ao crescimento enorme

de ciência Henrique Leitão, não apresentam actos de censura. "As obras que eram muito pouco consultadas, por serem muito técnicas e só estarem acessíveis aos especialistas, muitas vezes não apresentavam as expurgações exigidas", infere o investigador, do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT) de Lisboa e um dos organizadores do workshop.

O inventário dos inventários sabe-se muito pouco sobre a cultura científica portuguesa dos últimos 500 anos, por que é que a sua produção foi escassa e sem nomes proeminentes, com excepções como a do matemático Pedro Nunes. A análise do lugar do livro científico permitirá compreender essa situação. "O livro tem um papel absolutamente central no estabelecimento da cultura científica. Não só acumula como transmite informação. Serve como ponto de junção de pessoas,

5
obras de medicina foram analisadas. As Centúrias (em cima, na Biblioteca Nacional), de Amato Lusitano, foi das mais censuradas pela Inquisição

200
bibliotecas antigas foram abrangidas pelo primeiro inventário sobre os livros científicos em Portugal

catalisa fenómenos sociais", explica Henrique Leitão.

Na conferência, o investigador falou do livro científico em Portugal, partindo de um "paradoxo": a obsessão historiográfica em tentar compreender as causas do falhanço de Portugal em alcançar a modernidade, ao mesmo tempo que neste esforço a história da ciência é ignorada, uma falha que o investigador tenta colmatar. "Não há nenhuma noção de modernidade que não passe pela ciência. Acho estranho que os historiadores andem em torno da questão da modernidade e depois não liguem à ciência. É um paradoxo da historiografia portuguesa."

Henrique Leitão e Luana Giurgevich, investigadora italiana também do CIUHCT, estão a finalizar a primeira etapa do levantamento de todos os livros nas bibliotecas portuguesas desde o século XVI até 1834, quando foram extintas as ordens religiosas masculinas. Estas bibliotecas, cujas

centenas de milhares de livros entre os séculos XVI e XVIII. A biblioteca do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaca, com cerca de 16.000 volumes, era das mais recheadas.

Os livros científicos podiam chegar entre 8 a 10% de algumas colecções. Outras eram praticamente ausentes. Mas este trabalho mostrou que a maioria dos livros de ciência do século XVI existia em Portugal. O seu uso é desconhecido.

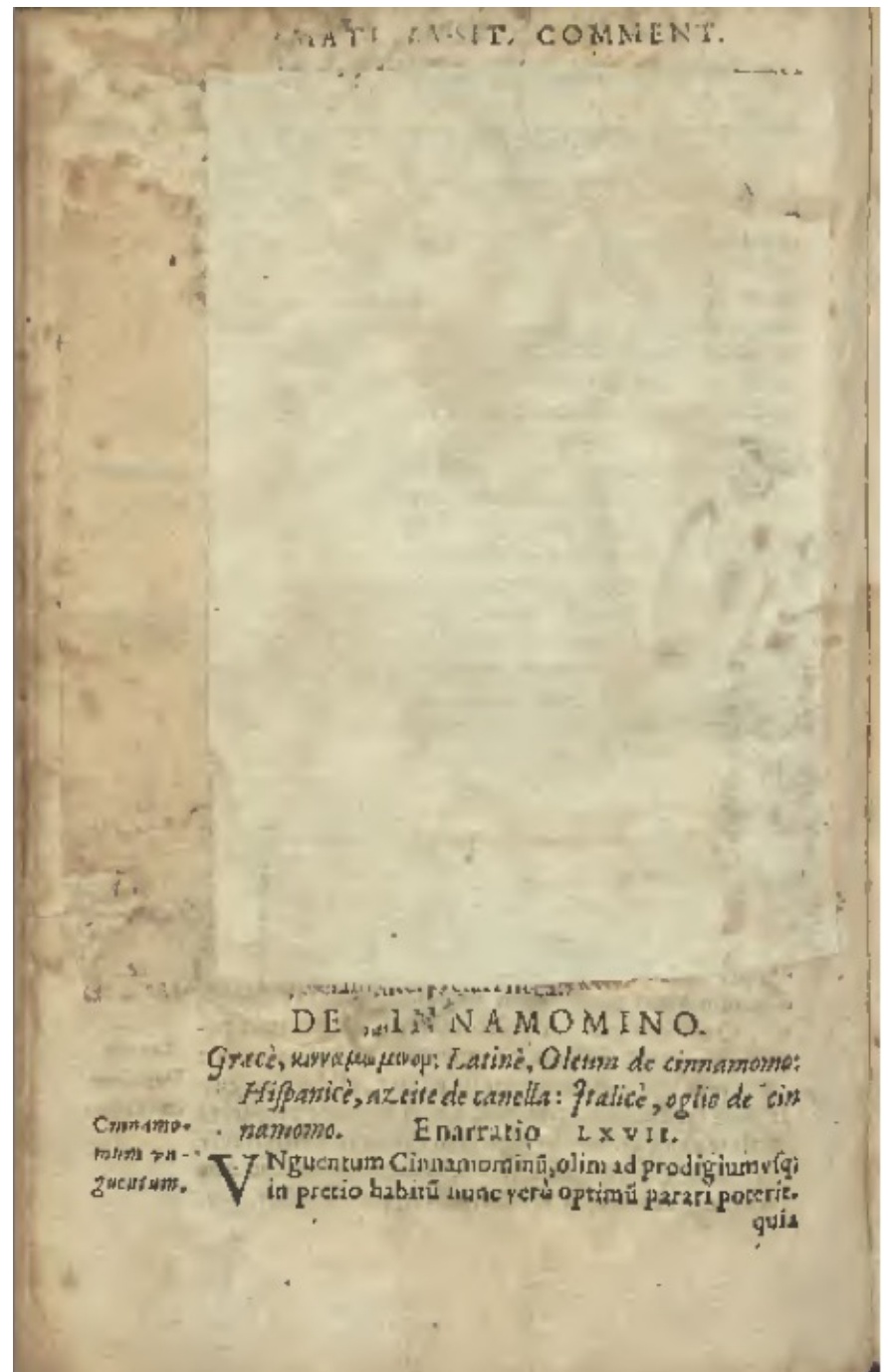
"Temos de fazer a radiografia dos grandes colecionadores de livros científicos", diz por sua vez Henrique Leitão, recém-eleito membro efectivo da Academia Internacional de História das Ciências. "Até agora, o trabalho [na história da ciência] foi a análise de texto. Mas é muito interessante estudar as práticas de leitura. Quem eram os colecionadores de livros? Quem os lia? Como é que os arranjava? Tem de se passar dos textos para as instituições e para prática a nível social."

Naquela altura, surgiram grandes pensadores, gente que revolucionou a ciência como Isaac Newton. Ao contrário de Portugal, é conhecida a cultura científica da Real Sociedade de Londres na altura, quando Newton publicou o seu *Principia* em 1687, onde enunciou as três leis da mecânica clássica.

"Na Real Sociedade de Londres, um grupo de cavalheiros reunia-se para fazer experiências", conta ao PÚBLICO outro orador no workshop, o britânico Adrian Johns, da Universidade de Chicago, nos EUA. "Era a primeira vez que um grupo de pessoas se intitulava filósofos experimentais e utilizava consistentemente a filosofia para chegar a uma prática experimental", diz o historiador de ciência.

Esses cavalheiros alimentavam as suas experiências científicas com leituras e discussão constantes. Em reuniões debatiam as leituras, os resultados das experiências e propunham novos procedimentos experimentais. "Estes protocolos de leitura não eram naturais, tinham de ser aprendidos e deram origem a uma investigação científica contínua", diz o britânico. Do pouco que se conhece, o cenário seria muito diferente por cá. "Não vemos verdadeiras discussões científicas", diz Henrique Leitão. "Rapidamente se tornavam em picardias pessoais e o conteúdo científico perdia-se."

Para o historiador português, este problema passa pela "fragilidade das instituições científicas", em que uma educação de má qualidade tem um efeito "devastador" na ciência e na modernidade: "Há um conjunto complexo de questões que tem de ser estudado aos poucos. Vamos tentar perceber este problema societal. Não pode ser uma razão conjunctural, venho hoje, as performances das universidades portuguesas são uma vergonha, excepto honrosas excepções."



Amato Lusitano, *Centuriae Curationum Medicinalium* (VII, 18) et *In Dioscoridis Anazarbei De Materia Medica* (I, 66)



Diffimulent alij quamuis tua nomina, quae
Adiutos norunt, te mea Musa canit.
Quippe Tragi fimo multorum semina flo-
Horumque Hirci pectore crevit c

M



Joannes Sambucus,
*Icones veterum aliquot,
ac recentium Medicorum*
Anvers, Ch. Plantin,
1574 (exempl.
Complutense)



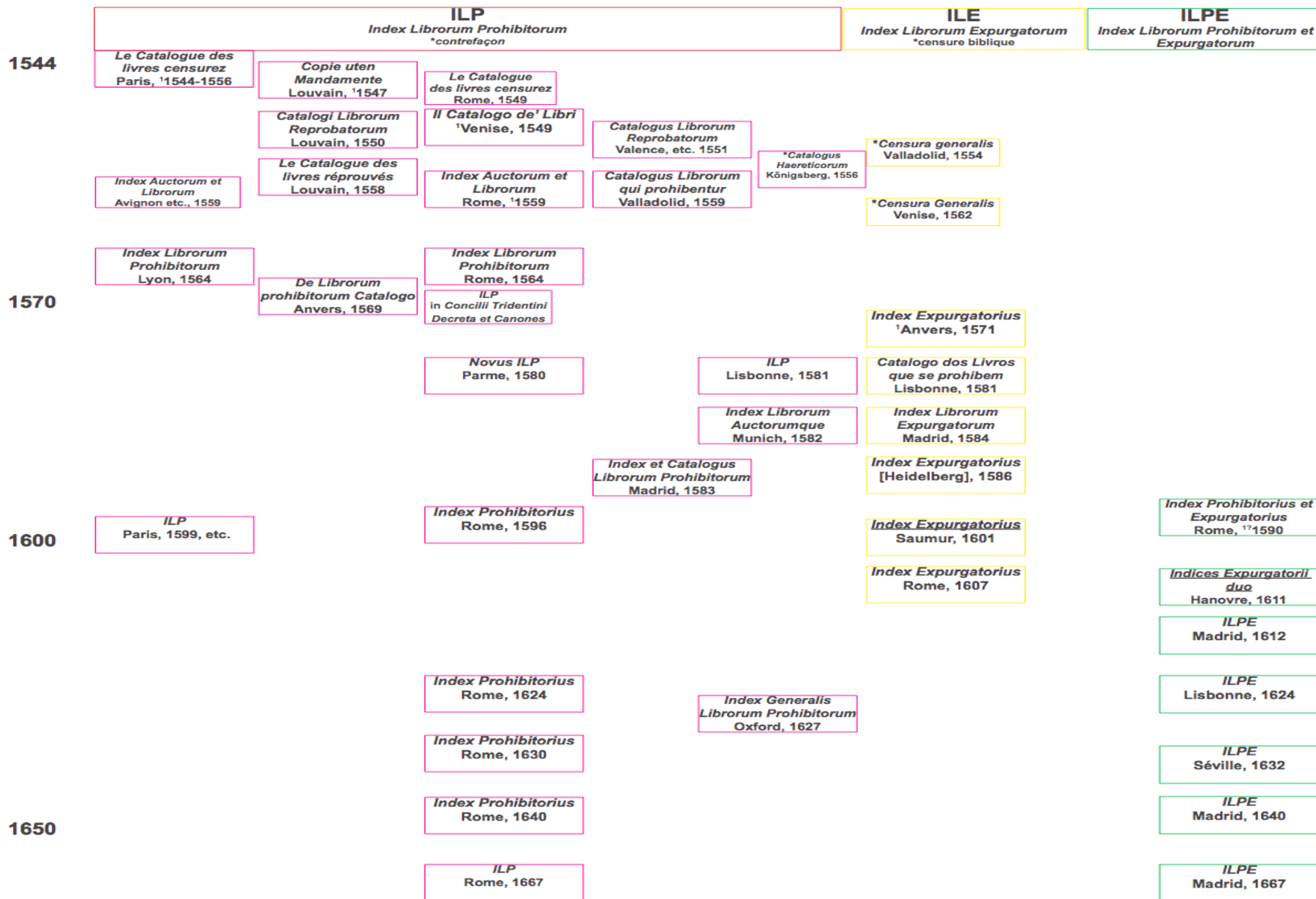
Non sine doctrina mediocri scribere posset
Tot secreta, minus ferte salutis opem.
Sed quia dicuntur pauci sua dogmata nosse,
Facta Antimonij est *Arropis* loco.

L 3



lo certus comprehenderat æstus,
Vates, magnus Apollo fuit.
oluit conferre cothurnos,
Codex dat, simulatque vetus.

M 3



	total entrées prohibition	total entrées expurgation	médecins (exp.)
<i>Index Expurgatorius</i> Anvers, 1571	0	79	7
<i>Catalogo dos Livros que se prohibem</i> Lisbonne, 1581	189	55	6
<i>Index Librorum Expurgatorum</i> Madrid, 1584	0	99	10
<i>Index Expurgatorius</i> Rome, 1607	0	54	10
<i>ILPE (Index Librorum Prohibitorum et Expurgatorum)</i> Madrid, 1612	1796	316	16
<i>ILPE</i> Lisbonne, 1624	1681	425	26
<i>ILPE</i> Séville, 1632	8000 +	n.c.	188
<i>ILPE</i> Madrid, 1640, réimpr. 1667			

auteur cible de la microcensure (ILPE 1571-1640) le chiffre 2 indique un auteur de la 2^e classe ; tous les autres sont de la 1^e classe
entrées ILPE 1632-1640, sans expurgation précise

Abano, Pierre d'	Crusius, David	Hortungus (ou Hartongus), Joannes 2	Rueus, Franciscus
Agrippa, Henricus Cornelius	Dodonaeus, Rembertus	<i>Hortus sanitatis</i>	Ruland, Martin
<i>De alchemia</i>	Dorn, Gerardus	Huarte, Juan de San Juan 2	Rupescissa, Joannes de 2
Albertus Magnus 2 [Ps.-A. G.]	Dornereilius, Thobias	Hucherus, Joannes	Sabuco, Oliva 2
Albertus, Salomon	Dryander, Joannes	Ingolstetterus, Joannes	Sambucus, Joannes 2
Amato Lusitano 2	Dunus, Thadaeus	Jacchaeus, Gilbertus	Satler, Wolphan-gus
Amelungius, Petrus	Eraste, Thomas	Julian 2 (<i>v. Thes. Pauperum</i>)	Scaliger, Jules César 2
Argenterius, Joannes 2	Euwig, Joannes	Kalzius 2	Schegkius, Jacobus
Arnaud de Villeneuve 2	Fioravanti, Leonardo 2	Kentmannus, Joannes	Schenkius, Joan. 2
Barba, Pompeius 2	Flacus, Matthias	Kentmannus, Theophilus	Scholzius, Laurentius
Bodenstein, Adam von	Fludd, Robert	Kiberus, David	Schroeterus, Joannes
Bokelius, Joannes	Forberger, Georgius	Kunrathus, Henricus	Schulthius, Balthasar
Bordingus, Jacobus	Forestus, Petrus 2	Laguna, Andrés de 2	Schwenckfeldt, Gaspar
Brectolius, Brechtelius, Christoph. F.	Freizius, Joachim	Lalamantius, Joannes	Scoppfius, Abrahamus
Briethus (Brigthus, Brigitus) Thimotheus	Fuchs, Leonard	Langius, Joannes	Scribonius, Adolphus
Brunsfeld, Othon	Gallus, Paschalis	Lemnius, Levinus 2	Scultetus, Bartholomaeus
Burggravius, Joan. E	Gassarus, Achilles	Libavius, Andreas	Sennert (Semestius), Daniel
Cabreira, Gonçalo 2	Gemusaeus, Hieronymus	Lidelius, Duncanus	Simonius, Simon
Camerarius, Joachimus	Gesner, Conrad	Lonerus, Joannes Philippus	Smetius, Henricus
Cardan, Jérôme 2	Gibson, Thomas	Lovicerus	Spachius, Israel
<i>Chirurgia</i>	Goelenius, Rodolphus	Mizauld, Antoine 2	Storker, Joannes
<i>Chirurgiae thesaurus</i>	Gramann, Joannes	Mollerus, Joannes	Stupanus, Joannes Nicolaus
Clusius, Carolus	Gratarolo, Girolamo 2	Niger, Antonius	Taulerus, Nicolaus 2
Coberus, Thobias	Grumpeck, Josephus	Paracelse	Taurellus, Nicolas
Cocles, Bartholomaeus 2	<i>Gynaeciorum</i>	Penot, Bernard	<i>Theatrum Chemicum</i>
Colerus, Martinus	Harchius, Jodocus	Petraeus, Henricus	<i>Thesaurus Pauperum</i>
Cornario, Janus	Joannes Baptista Helmontius 2	Peucer, Caspar	Thurneisser, Leonard
Crato, Joannes	Hemmingius (Kenn-), Nicolas	Philologus, Jonas	Toxites, Michael
	Hessus, Eobanus	Placohmus, Jo.	Vallesius, Franciscus
	Heurnius, Joannes	Planerus, Andreas	Velsius, Justus
	Hildanus, Guililemus Fabricius	Platter, Felix	Wecker, Jean-Jacques
	Hispano, Pedro (<i>v. Thes. Pauperum</i>)	Pomis, David de 2	Wierus, Joannes
	Hoffmanus, Caspar	Quercetanus, Joseph	Wirsungus, Christophorus
	Horstius, Jacob.	Ranzovius, Henricus	Wolphius, Caspar
		Reusner, Jérôme	Zwinger, Theodore
		Rueffus, Jacobus	



position du patient pour l'extraction de la pierre
à gauche, illustration originale (OC, XV, 45) ; à droite, illustration expurgée au ciseau
(CS, sans doute XVIIIe s. ; proven. couvent N.S. de Jezas, exempl. BN, Lisbonne)

censuré
non censuré

CORNARIUS 1 1529

BRUNFELS 1 1529

FUCHS 1

in Amato Lusitano 1558

DIOSCORIDE

bien que contenant du
condamnabile
(41 chap. dans Laguna)

AMATO LUSITANO 2

56 lieux (chap., pièces di-
verses) / 700 *curae*

LOVICERUS 1

mots hébreux tirés des
Écritures

LAGUNA 2

exp. 52 chapitres / 891
11 annot. de Laguna/52
→ dans 41 chap. = texte
de Dioscoride